

# “Os alemães perderam a confiança para investir”

por Maria Helena Tachinardi  
de Brasília

O empresário e vice-presidente do Senado da República Federal da Alemanha, Dieter-Julius Cronenberg, não investiria no Brasil depois da decretação da suspensão aos bancos privados do pagamento dos juros de médio e longo prazos da dívida externa brasileira. Em sua opinião, a medida, adotada na última sexta-feira, abalou a confiança do empresário alemão nos rumos da economia brasileira. Situação que, segundo ele, é totalmente diferente de há quatro anos, quando aqui esteve. “Naquela época, eu investiria no Brasil”, disse, advogando o receituário do FMI para o País.

Cronenberg, do Partido Liberal (FDP), e o deputado Norbert Lammer, da União Democrata Cristã (CDU), estiveram nesta semana com o vice-presidente do Senado, José Inácio Ferreira (ES), com os deputados Francisco Benjamin (PFL-BA), Álvaro Vale (PL-RJ) e Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), para conversar sobre a Constituinte e o cenário econômico nacional. Os políticos alemães notaram que o Congresso brasileiro tem pouca influência sobre as decisões econômicas do

País, o que seria inconcebível na Alemanha.

Cronenberg considera que os bancos norte-americanos serão mais prejudicados com a medida brasileira do que os europeus, que vêm corrigindo regularmente os créditos, ao contrário do que ocorre nos EUA, pois a legislação não o permite. Além disso, os empréstimos norte-americanos ao Brasil são dez vezes superiores aos da Europa.

Os políticos alemães defendem para os credores um papel de conselheiros dos devedores. “O problema não consiste em encontrar liquidez de curto prazo para pagar a dívida. O interessante seria que os países endividados pudessem produzir não só o necessário para cobrir as necessidades internas, como o pagamento dos créditos ao exterior.”

Lammer lembrou que o aguçamento da crise de balanço de pagamentos e a política brasileira de informática repercutem mal junto aos empresários alemães. E Cronenberg acrescentou que ao problema da fuga de capitais, o Brasil deveria contrapor uma política econômica estável.